

REFERENCIAÇÃO EM ROTEIROS DE AUDIODESCRIÇÃO: A ACESSIBILIDADE DOS REFERENTES

REFERENCIATION IN AUDIO DESCRIPTION SCRIPTS: THE ACCESSIBILITY OF THE REFERENTS

Francisca Poliane Lima de Oliveira
Doutora em Linguística Aplicada
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
(meuemail.poly@gmail.com)

Maria Helenice Araújo Costa
Doutora em Linguística
Universidade Estadual do Ceará
(mariahelenicearaujo@gmail.com)

RESUMO: Este artigo apresenta reflexões sobre a análise empreendida por Sales (2012) a propósito da construção de objetos de discurso em um roteiro de AD de um filme que apresenta um mesmo personagem em várias fases: infância, juventude, velhice e pós-morte. Trata-se do roteiro do filme Bezerra de Menezes: o diário de um espírito. Com base em uma leitura bibliográfica da dissertação de Sales (2012), das Teorias de Audiodescrição, da Referenciação e da Acessibilidade, pudemos fazer apontamentos sobre os referentes no roteiro de audiodescrição deste filme. Acreditamos que a teoria da acessibilidade pode ser bastante proveitosa para elaboração de roteiro de audiodescrição, uma vez que seu uso poderia ser feito no sentido de auxiliar na reflexão sobre como nomear, como referir, designar e retomar os objetos de discurso em um roteiro fílmico. Concluímos estas reflexões apontando a importância de adotar, neste caso específico, uma expressão linguística para se referir ao mesmo personagem em suas várias fases de vida e morte, além disso, defendemos ainda a relevância de mantê-la, durante toda a narrativa, uma vez que acreditamos que esse mecanismo evitaria incompreensão por parte do Deficiente Visual.

Palavras-chave: Audiodescrição. Acessibilidade. Referentes. Bezerra de Menezes.

ABSTRACT: This article presents reflections on the analysis undertaken by Sales (2012) concerning the construction of discourse objects in an AD script of a film that has the same character at different stages: childhood, youth, old age and postmortem. It is a movie script by Bezerra de Menezes: the diary of a spirit. Based on the reading of the literature from Sales's dissertation, the audio description theories, the referenciation and accessibility, we could make notes on the referents in audio description's script of this film. We believe that the theory of accessibility can be quite profitable for development of audio description script, since its use could be made to assist in reflection on how to name, mention, designate and resume the discourse of objects in a filmic script. We conclude these reflections pointing the importance of adopting, in this case, a linguistic expression to refer to the same character in its various stages of life and death, moreover, still we defend the relevance of keeping it, throughout the narrative, once we believe that this mechanism would avoid misunderstanding by the visually impaired.

Keywords: Audio description. Accessibility. Referents. Bezerra de Menezes.

Introdução

As reflexões que apresentaremos neste artigo são o resultado de estudos recentes em audiodescrição e da leitura atenta do trabalho de Sales (2012), que se dedicou a entender como foram construídos os referentes no roteiro de audiodescrição do filme Bezerra de Menezes: o diário de um espírito. O filme em questão retrata a vida do médico Bezerra de Menezes, conhecido por sua ação filantrópica como sendo o médico dos pobres. Nessa obra de teor biográfico, acompanhamos a trajetória de vida da personagem principal por meio da narrativa de seu espírito, que nos descreve os principais acontecimentos da vida dessa personagem na passagem que vai desde sua infância, no sertão nordestino, até a sua morte, na capital do Rio de Janeiro. Em seu trabalho, Sales (2012), mostra as várias formas referenciais usadas para construir a personagem principal, Bezerra de Menezes, nas várias fases narradas por seu espírito: infância, juventude, fase adulta e velhice.

Nosso trabalho com esse artigo não é tecer críticas ao que foi proposto pela autora mencionada, queremos apenas contribuir com nossas reflexões sobre a Teoria da Acessibilidade e sobre a construção de referentes para colaborar – mesmo que o viés adotado aqui não seja o mesmo de seu trabalho - com o que foi proposto pela autora. Em sua dissertação, Sales (2012) refletiu, principalmente, sobre a relação entre as formas de se referir ao personagem principal e a consequência dessas escolhas para a construção do sentido pelos Deficientes Visuais. Em nosso artigo, partimos das reflexões de Sales (2012) e também de exemplos retirados do roteiro de audiodescrição do filme para pensar sobre a adequação e o caráter de acessibilidade na construção do referente Bezerra de Menezes. Nosso intuito com esse trabalho é o de acrescentar ideias que possam vir a ser de ajuda em um processo que se mostra de grande importância para a área da tradução audiovisual.

Por essa razão, nos dedicaremos a falar um pouco sobre Referenciação (CARDOSO, 2003; BLIKSTEIN, 2003; ARAÚJO, 2004; MARCUSCHI, 2007; KOCH & CUNHA-LIMA, 2009; OLIVEIRA, 2012), de modo a nos situar no campo de estudo da Linguística Textual, onde poderemos ancorar nossas reflexões sobre a construção dos referentes e seu caráter de acessibilidade (ARIEL, 2001; COSTA, 2007). Na sequência, apresentaremos algumas considerações sobre construção de

roteiros em audiodescrição de acordo com Sales (2012) e com autores da área (ARROJO,1993; JAKOBSON, 1995). A seguir, apresentaremos trechos, retirados da análise da dissertação de Sales (2012), aos quais acrescentaremos nossas reflexões, com vistas a contribuir com a proposta iniciada pela autora em seu trabalho dissertativo.

Nas considerações finais, tecemos algumas observações sobre o aprendizado que tivemos com esse trabalho e sobre as sugestões que apresentamos ao longo da análise. Concluimos apontando a possível contribuição que a Teoria da Acessibilidade pode oferecer ao trabalho do roteirista de AD.

A Referenciação

A questão da referência tem interessado bastante aos pesquisadores que se abrigam sob os estudos da Linguística Textual. Nessa perspectiva, essa teoria tem se mostrado bastante frutífera e capaz de explicar com maior clareza a discretização do mundo nos discursos. A esse respeito, em Oliveira (2012, p. 22) temos:

Uma contribuição importante trazida pelos estudos da referência diz respeito ao fato de se considerar a exterioridade na busca dos sentidos. Como afirma Custódio Filho (2011, p.2), 'A busca por desvendar as relações entre as formas, as funções e os sentidos [...] está na raiz de quase todas as teorias linguísticas'. Ou seja, trabalhar a partir de uma ótica que explica a relação entre o materialmente colocado e o extra material tem sido uma maneira eficiente de pensar a questão dos sentidos.

Cardoso (2003, p.1) respondendo à pergunta “O que é referência” nos diz que é: “A relação entre a linguagem (um dizer) e uma exterioridade (um não dizer), relação necessária para que a linguagem tenha o seu valor e não se encerre em si própria é o que se chama de **referência**”. Por esta maneira de responder, entendemos o “voltar-se para fora” como uma das características da linguagem.

Conforme as várias discussões empreendidas ao longo de nossos estudos sobre cognição e linguagem, foi possível perceber que, desde cedo, organizam-se em nossa mente certas imagens. Tais imagens representam objetos discursivos em que, aparentemente de um modo natural, os fenômenos por eles representados parecem correlacionar-se em nossa experiência. Dissemos “aparentemente natural” porque desde o início de nossa vida interligamos tais representações que se formam com atributos qualitativos que lhe são estendidos pelo contexto cultural, sinalizando

haver uma relação com o extra material na construção da linguagem e dos discursos.

Em Araújo (2004), entendemos esses objetos de discurso como disposições, isto é, imagens da percepção, que por sua vez compõem-se, em grande parte, de valores culturais. Desse modo passam a constituir-se em ordenações “características” e estas passam a ser normativas, qualificando a maneira por que novas situações serão vivenciadas pelo indivíduo. Em outras palavras, são os “óculos sociais” de que nos fala Blikstein (2013).

A esse respeito, Ostrower (2013, p.58) também nos apresenta um exemplo que vem colaborar com a ideia proposta por Araújo, ou seja, a da construção cultural como medida de avaliação. Nesse sentido, Ostrower explica que, para os primeiros egípcios, o fato central do Egito é o Nilo, que corre em direção ao norte e traz a água necessária à vida. Desse modo, para esses egípcios, a imagem referencial era a do Nilo e essa imagem referenciava não só a orientação espacial, mas também os fenômenos que não ocorriam no Egito, como a chuva, por exemplo. Para o povo egípcio, a chuva era tida como “um Nilo caindo do céu em terras de estrangeiros...”; **Um Nilo, não O¹ Nilo**. Sabia-se perfeitamente que o “verdadeiro Nilo vinha de um mundo subterrâneo para os egípcios”.

Essa breve reflexão a propósito do Nilo, como referência central para os egípcios, mostra como esse povo media os acontecimentos do mundo a partir de suas próprias experiências. Assim, todos os demais elementos da vida (fatores climáticos, a política, a religião, as práticas de educação) seriam (re)construídos pelos egípcios a partir dessa referência central.

Assim, somos levados a entender que se configurando em cada pessoa a partir de sua própria experiência e como “disposição característica” dos fenômenos, isto é, como imagem qualificada pela cultura, a visão construída dos fatos do mundo é ao mesmo tempo pessoal e cultural. Naturalmente, isso não significa que, embora funcionando como visão referencial, um ponto de vista se cristalice ao passo de não poder ser subsequentemente elaborado. Essa reelaboração dependerá do indivíduo e de como a cultura formula suas normas e aspirações.

No caso do filme em análise, entendemos que a relação entre os estudos de Acessibilidade e os de Referenciação pode sugerir que, na construção do roteiro de

¹ Grifos nossos.

audiodescrição, seja adotado um critério que leve em conta qual a linha de elaboração da personagem principal e a característica marcante, ou seja, aquela que ajudará a retomar e a construir o referente Bezerra de Menezes por toda a narrativa. Tendo isso em mente, as escolhas linguísticas feitas para retomar o personagem principal deverão levar em conta critérios como: proximidade, distância, relevância, concorrência e ainda a ideia central adotada para a manutenção coerente desses referentes.

A seguir, nos voltamos para a área da Audiodescrição com a proposta de continuar delineando o terreno onde ancoramos nossas reflexões.

A Tradução Audiovisual

O que apresentamos aqui são reflexões extraídas da dissertação de Sales (2012) e das notas e observações feitas em sala de aula durante a disciplina Semiótica e Audiodescrição com a professora Vera Santiago.

Conceituar a tradução como ponto de partida

Para Arrojo (1993), as teorias da linguagem desenvolvidas pela tradição ocidental têm considerado o texto de partida como um objeto definido com significados estáveis, identificados com as intenções do autor, daí derivaria o conceito de que traduzir é transferir os significados que se imaginam estáveis de um texto para outro ou de uma língua para outra.

Assim é possível entender porque Nida (1965 *apud* SNELL-HORNBY, 1995) define tradução como a reposição do material textual em uma língua por material textual equivalente em outra língua. Numa perspectiva em que o texto é um material estável e que todos os possíveis sentidos se encontram presentificados na sua materialidade, é plausível que se compreenda a tradução da maneira como a autora faz.

Se atualizarmos o conceito de texto para construto dinâmico, de acordo com a perspectiva sociocognitivista da linguagem, que ancora os estudos de referência, poderíamos, então, atualizar o conceito de tradução para material cultural/social/pessoal em uma língua para material cultural/social/pessoal em outra.

Para a Audiodescrição, o ato de traduzir tem uma preocupação específica. Neste caso seria, de acordo com Piety (2003), um modo de providenciar acesso aos

meios audiovisuais (filmes, programas televisivos, peças teatrais, eventos ao vivo e exposições museológicas) para os deficientes visuais. Seria em sua essência um processo de usar palavras como um substituto para a informação disponível na forma visual. Seria, então, intrasemiótica? Procurando entender qual seria o lugar da Audiodescrição dentro do campo da tradução, temos a classificação de Jakobson como o elemento que insere a AD dentro destes estudos. Segundo esse autor (1995), são três os tipos de tradução:

a interlinguística ou tradução propriamente dita (texto de partida e chegada em línguas diferentes); a intralinguística ou reformulação (texto de partida e chegada na mesma língua); e a intersemiótica ou transmutação (texto de partida e chegada em meios semióticos diferentes, do verbal para o não-verbal, do visual para o verbal e vice-versa).

Sendo assim, a AD seria uma tradução intersemiótica porque transmuta as imagens de um filme em palavras, ou seja, converte um meio semiótico em outro material semiótico.

Audiodescrição de filmes

Ao fazer a audiodescrição de um filme, o primeiro entendimento que deve ter o roteirista de AD é que o público deficiente visual – DV - não tem acesso à parte visual e que isso afetará a compreensão do enredo do filme, por ser este desenvolvido com elementos visuais, auditivos e imagéticos. Apesar de essa afirmação parecer um pouco óbvia, mais a frente - ao atentarmos ao caráter de retomada dos objetos de discurso - perceberemos porque é importante ter essa informação em mente, uma vez que ela poderá servir de baliza para as escolhas das expressões referenciais.

Como já sinalizamos anteriormente, o caráter dialógico da linguagem nos auxilia na compreensão dos discursos e na construção dos sentidos. Assim, partindo da premissa que a linguagem interage com a realidade, podemos dizer que, às vezes, a menção corrente pode estar em relação com um antecedente não necessariamente linguístico. Desse modo, como o deficiente visual recuperaria tal porção de informação?

Um exemplo do que acabamos de explicar pode ser visto neste trecho da audiodescrição: “Sorrindo, **o menino** recebe um tambor colorido das mãos do pai.

Afasta-se correndo”. Para nós, videntes, podemos facilmente inferir que “o menino” é Bezerra de Menezes ainda criança, porque reconhecemos a paisagem da fazenda, o personagem que é seu pai e percebemos a mesma criança vista em outras cenas.

Mas para o DV, apenas o referente “o menino” pode não ser suficiente, uma vez que ele não dispõe de outros meios para acessar esse referente e confirmar que se trata de Bezerra Menino, já que não foi acrescentado a este referente nenhum outro modificador além do artigo definido “o”. Esse fato mostra que a menção feita para se referir a Bezerra de Menezes quando criança, numa determinada cena, dependia de uma informação que não era puramente linguística para ser acessada de modo satisfatório.

Com base nessa observação, arriscamos dizer que a falta de descrição de elementos essenciais ou o uso de processos referenciais inadequados podem ter como consequência o não entendimento total ou parcial do filme por parte do público-alvo da audiodescrição. Por isso, ousamos dizer que a preocupação central na elaboração de um roteiro de audiodescrição deva ser a de que as escolhas terão de ser feitas, optando por um vocabulário que possa designar corretamente a maneira como as personagens e os cenários aparecem na tela.

No roteiro de AD

Conforme Sales (2012), a linguagem do roteirista se adapta progressivamente à linguagem das câmeras: descreve ações físicas, visíveis e representáveis. Essa linguagem de ações visíveis e representáveis é a linguagem do roteiro.

No trabalho da autora mencionada (SALES, 2012, p. 36), a pergunta central foi: “a forma como construímos a audiodescrição tem realmente tornado acessíveis aos DVs as informações visuais mais relevantes?” Essa pergunta se faz necessária porque, no caso do filme em análise, um dos elementos mais importantes a serem retratados é o personagem Bezerra de Menezes, uma vez que o filme narra a vida dele, por meio do recurso de *flashback*, e o seu espírito é quem traz as reminiscências.

Então, para dar a conhecer ao espectador a figura dessa personagem que aparecerá em diferentes fases de sua vida (infância, juventude, fase adulta, velhice e pós-morte) e, muitas vezes, de modo não cronológico, é necessário que se faça

referência a ela por meio de diferentes expressões. Entretanto, acreditamos que as menções devem ser feitas de modo a manter certa coerência entre todas as expressões escolhidas para retomar o personagem central em cada fase.

Essa preocupação justifica-se não só porque ele é a personagem principal, mas porque sem o emprego dos referentes adequados à cada fase (infância, juventude, fase adulta, velhice e pós-morte) o espectador não vidente terá dificuldades de administrar as várias informações que recebe acerca dessa personagem que transita, com certa frequência, em fases distintas de sua vida em uma ordem não cronológica.

Assim, entendemos que sem uma lógica, que seja recorrente, na maneira de retomar o personagem Bezerra de Menezes em suas fases de vida e pós-morte não será possível para o espectador deficiente visual construir os sentidos de modo coerente e o filme, conseqüentemente, poderá ser considerado material ruim por esse público caso ele não consiga acessar suas possibilidades, que embora infinitas e não previamente acertadas, são parte integrante do material com o qual estamos interagindo.

Os processos referenciais e a acessibilidade dos referentes no roteiro de audiodescrição do filme Bezerra de Menezes: o diário de um espírito

Em todo material produzido para comunicação há uma intenção, há um querer dizer, ou, um projeto de dizer. Para isso, construímos referentes, objetos de discursos, como forma de promover o acesso às informações e fabricar realidades. Em Ariel² (2001, p. 29) temos que as formas referenciais constituem instruções ao destinatário de como este deve recuperar da memória certa parte de uma determinada informação, [...] a maioria das expressões referenciais portam algum conteúdo conceitual, o qual também contribui para a identificação do referente.

Entendendo a identificação adequada dos referentes como parte integrante da construção dos sentidos de um texto³, é necessário que compreendamos ainda que esse processo se realiza de forma diferente entre videntes e pessoas com deficiência visual. Por essa razão, ousamos dizer que para o audiodescritor essa

² Tradução livre.

³ Cumpre esclarecer que a noção de texto considerada aqui se encaixa numa concepção mais ampla. Aqui nesse estudo consideramos texto como sendo toda manifestação que leva em conta aspectos variados como os da memória, da práxis, dos conhecimentos acumulados, além do que está materialmente colocado.

preocupação deve ser levada em consideração na hora de construir o roteiro, já que o portador de deficiência visual não acessa o mundo da mesma forma que os videntes. Deste modo, as disposições, ou as imagens da percepção, não são constituídas da mesma forma entre videntes e não videntes.

Na produção semiótica em geral, as expressões referenciais não são escolhidas aleatoriamente, mas também não há regras fixas, ou seja, categóricas para a escolha dessas expressões. Esse processo funciona muito mais parecido com um ajuste de ideias do que com o acatamento de ordens. Caberia aqui citar Marcuschi (2003), para quem a língua é um “conjunto de trilhas”, não “uma dupla de trilhos” a ligar dois polos - o mundo e a mente.

Conforme nos mostra SALES (2012, p. 41), no caso em análise, “há dois processos fundamentais na construção da referência do personagem: a apresentação e a mudança [...]”. Sendo assim, o processo de nomeação, apontamento e recuperação deve ser construído de tal forma que os objetos de discurso permitam ao DV recuperar a porção textual sem ter que recorrer a outros elementos extramateriais ou a maiores descrições por parte do audiodescritor.

No caso de um maior detalhamento nas descrições, o fato de não haver muitos espaços entre as falas dos personagens e a narração do espírito de Bezerra de Menezes que permitam ao roteirista inserir muitos detalhes ou textos longos justifica a necessidade de uma expressão que seja capaz de recuperar mais satisfatoriamente a informação.

Quando assistimos ao filme, percebemos que o Bezerra que narra as lembranças é o espírito e o que vivencia estas lembranças é o homem. Estes detalhes são muito importantes para a construção do fio narrativo e por consequência para a construção dos sentidos. Sem esse conhecimento, a sequência narrativa pode ficar confusa para o DV, o impedindo de fruir de maneira completa do material.

Segundo Sales (2012, p. 62-63) nos aponta:

há diferenças sutis entre o espírito de Bezerra que conta a história e o Bezerra que aparece nas memórias do espírito e que tais diferenças podem ser percebidas claramente pelo público vidente, embora ambos sejam interpretados pelo mesmo ator [Carlos Vereza].

Os videntes que assistiram ao filme puderam perceber que o roupão vermelho era o traje usado pelo espírito de Bezerra de Menezes e esse era o único elemento que poderia fazer com que distinguíssem imediatamente (após a primeira aparição) quem era o Bezerra Espírito e o Bezerra Velho. Por essa razão, julgamos necessário fazer essa distinção de modo claro e por meio de referentes que situem o DV no ponto exato da narração (se é cena vivida ou lembrada).

Nessa perspectiva, Costa (2007, p.56) explica que, segundo a visão de Ariel, ocorre um “balanceamento das informações”, para o qual contribuem, de um lado, as formas referenciais com variados graus de informatividade, rigidez e atenuação e de outro, os diversos contextos, tudo isso em interação, criando o mundo do discurso.

Após algumas passagens que apontam para a infância de Bezerra, o espírito entra em cena com sua narrativa. O que, conforme Sales (2012, p. 65) “para quem está vendo, é fácil perceber; já para o deficiente visual é bastante complicado, pois quase nunca há uma descrição clara da diferença entre o Bezerra vivo e seu espírito”.

Somos da opinião que o mesmo cuidado deveria ter sido tomado no decurso integral da narrativa, já que toda essa construção da personagem foi feita com elementos variados visando auxiliar na retomada do referente Bezerra de Menezes de modo a deixar claro se era o espírito ou o menino, o jovem ou o adulto. No caso do público DV, como o audiodescritor poderia criar os referentes de modo a tentar garantir acessibilidade cognitiva e, por consequência, o entendimento da narrativa? Nesse sentido podemos ver o que diz Costa (2007, p. 42) sobre a escolha dos mecanismos,

De acordo com a teoria da acessibilidade, ao falar, as pessoas expressam conceitos, por meio de sintagmas nominais, verbais e adjetivais. No fluxo do discurso, o falante pode considerar que um determinado conceito está ativo (no foco da consciência do ouvinte), semiativo (na consciência periférica), ou não-ativo (na memória de longo termo).

Desta forma, podemos ver que o estado de ativação dos conceitos será um auxílio importante na escolha do mecanismo adequado. O que equivale dizer que o referente ter sido mencionado há menos tempo, há mais tempo ou se foi apenas

sugerido levará o audiodescritor a optar por um pronome ou um sintagma nominal para se referir à personagem, só para citar duas possibilidades.

Por exemplo, “numa situação, **she** pode ser considerado um referente ‘altamente acessível’ e **the friend** pressupõe que a entidade é ‘de um grau relativamente baixo de acessibilidade’, porque para construí-la foi preciso optar por uma descrição definida (ARIEL, 2001, p. 29). No caso do filme, seria como se optássemos pelo pronome **Ele** para se referir a Bezerra de Menezes e em outro momento escolhêssemos **O médico** para recuperar a mesma pessoa. O que vai definir a escolha é o julgamento do roteirista e, neste caso, ele analisará se a informação anterior tornou o referente em uma entidade ativa, semiativa ou não-ativa.

Ao optar pelo pronome **Ele** poderíamos entender que o roteirista considerou que a entidade estava ativa, por estar em evidência na cena poucos instantes antes, e o DV ou qualquer outro interlocutor não teria dificuldade para compreender a quem se referiria este pronome. No caso de termos o personagem citado imediatamente antes não teríamos problemas para acessar essa informação através do pronome pessoal **Ele**. Mas se tivéssemos dois personagens masculinos em evidência na cena e optássemos pelo pronome masculino, certamente, dificultaríamos a compreensão e a recuperação da informação por qualquer pessoa e, neste caso, também pelo DV.

Para esta situação, sugerimos - no caso da passagem dos anos da vida de Bezerra de Menezes - a utilização dos termos: “Bezerra Menino”, “Bezerra Jovem”, “Bezerra Velho” e “Bezerra Espírito”. Ressaltamos, porém, que a menção do modo como a sugerimos aqui já se encontra no roteiro de AD; mas o que ficou em evidência para nós, é que não houve uma “padronização” das chamadas, como forma de manter uma coerência através de elementos uniformes. Com a observação do roteiro, notamos que essa não “identificação precisa” acontece em várias passagens audiodescritas.

Há um fato que colabora para essa reflexão que fazemos a propósito da “identificação precisa” dos referentes no filme que é uma das passagens temporais da personagem principal. Depois de aparecer como uma criança, a personagem aparece como o espírito narrador da história e não como um adolescente, como seria a lógica do desenvolvimento humano. Sendo assim, imaginamos que seja

necessária uma descrição mais objetiva dessa passagem como forma de não dificultar a compreensão do DV.

A propósito desse aspecto, Sales (2012, p. 67) mostra que, no filme, essa mudança é feita apenas visualmente para que o espectador ligue as imagens à narração de Bezerra. Acreditamos que, o que é facilmente recuperado pelo espectador vidente, pode não ser para o DV. Note que a referida autora (p.67) ainda enfatiza que “deixar esse tipo de recurso para que o DV infira torna-se bastante complicado, se não forem utilizadas as expressões referenciais e predicções mais informativas”. Essa observação de Sales vai ao encontro da proposta de unicidade das formas referenciais para o mesmo referente em situações distintas. Além do mais, para ela,

essa falta de caracterização do personagem faz com que seja mais difícil para o deficiente visual perceber a diferença de faixa etária do personagem entre as cenas se levarmos em consideração que espírito narrador e personagem, por exemplo, são referenciados como “Bezerra velho” (SALES, 2012, p. 70).

Pensando a questão da inferência e conseqüentemente a da interpretação, Chafe (*apud* COSTA, 2007) nos mostra que, a acessibilidade é um processo de inferência e a interpretação deve ser construída na consciência do falante, com base nos três graus de ativação identificados por ele: ativa, quando a ideia está no foco da consciência; semiativa, quando a ideia está na consciência periférica, ou seja, já esteve focalizada, mas afastou-se por algum tempo; inativa, quando a ideia não está ativa nem semiativa, podendo estar armazenada na memória há longo tempo, ou jamais ter sido parte do repertório mental do falante.

Essa explicitação nos ajuda a compreender, por exemplo, a referenciação feita numa cena que reflete o biografado quando jovem. “O **jovem Bezerra** desce uma escadaria sorrindo e encontra um colega. **Bezerra** e seu colega caminham. Na rua, vê-se uma carroça, sacos espalhados e barris. Eles se despedem e seguem caminhos diferentes. **Bezerra** saúda os transeuntes”.

A descrição é iniciada com a indicação de “Bezerra Jovem” e na mesma cena descrita, o locutor continua se referindo a ele apenas como “Bezerra”. Embora já tenhamos mencionado a importância de manter um modificador para que o DV consiga recuperar em que momento da vida do biografado está se passando a cena audiodescrita, cremos que essa transformação no referente não implicará em

desinformação para o DV. Explicamos isso pelo fato de essa escolha pelo nome próprio estar ligada à proximidade das duas menções. A informação “Bezerra Jovem” está ativa na memória do ouvinte, por ter sido introduzida no foco da consciência minutos antes, e assim infere-se que o DV não terá dificuldades em manter essa informação e recuperar o sentido pretendido na continuação da descrição da cena.

Em outro trecho descrito no roteiro de AD, temos: “**Bezerra** sobe ao palanque com um papel nas mãos. Tira os óculos e olha para frente. No salão, encontram-se inúmeras pessoas que o observam.” Para melhor dizer sobre esse aspecto, vejamos antes o que diz Ariel sobre a hierarquia das formas referenciais.

A autora explica que três critérios – a informatividade, a rigidez e a atenuação – trabalham em interação entre si e essa relação é o que determinará a hierarquia que mencionamos anteriormente. Assim, Ariel (1996, p.10) estabelece a seguinte escala de acessibilidade:

Nome pleno + modificador > nome pleno > descrição definida longa > descrição definida curta > ultimo nome > primeiro nome > demonstrativo distante + modificador > demonstrativo próximo + modificador > demonstrativo distante + sintagma nominal > demonstrativo próximo + sintagma nominal > demonstrativo distante – SN > demonstrativo próximo – SN > pronome tônico + gesto > pronome tônico > pronome àtono > pronome clítico > flexões de pessoa verbal 1 > zero.

Costa (2007), com base nesta lógica adotada por Ariel, explica que no caso de o falante se referir a uma entidade que esteja pouco acessível ao interlocutor, ele provavelmente optará por um “nome pleno + modificador” para construir o seu referente. Assim, diante do fato de a situação narrativa apresentar três momentos distintos para o mesmo personagem e estes momentos estarem, constantemente, sendo apresentados em intercalação, de acordo com as lembranças do narrador personagem, cremos que esta explicação reforça a escolha pelos referentes “Bezerra Jovem, Bezerra Velho, Bezerra espírito” de que vinhamos falando e nos auxilia a mostrar porque em outras situações é viável apenas o uso de expressões menores.

No caso que trouxemos anteriormente, ou seja, do referente Bezerra no trecho “No salão, encontram-se inúmeras pessoas que o observam.” Temos outra situação, que é a substituição do termo Bezerra pelo pronome àtono “o”. De acordo

com a escala de Ariel que apresentamos, esta forma referencial indica um alto grau de acessibilidade, ou seja, pela proximidade da menção anterior e por não haver nenhum outro referente concorrendo com ele na situação, o pronome escolhido não causaria nenhuma incompreensão no espectador DV.

De acordo com a proposta, podemos dizer que, ao optarem pelo uso de uma determinada forma referencial, os falantes ao que parece, tentam estabelecer certo grau de unidade entre a menção corrente e “uma representação/um antecedente (não necessariamente linguístico (a))”. Aqui a correspondência se apoia tanto numa representação linguística anterior como na capacidade do espectador de inferir, nos fazendo lembrar o que disse Jakobson (1995, p.70) quando afirmou que “em sua função cognitiva, a linguagem depende muito pouco do sistema gramatical, porque a definição da nossa experiência está numa relação complementar com as operações metalinguísticas”.

Com base nestas observações, acreditamos que o que determinará a escolha, neste caso do referente Bezerra de Menezes, será o nível de acessibilidade no momento da recuperação do referente, ou seja, se é mais fácil (alta acessibilidade) ou mais difícil (baixa acessibilidade). Se o roteirista pretende evitar que o DV confunda as personagens em suas diversas fases, ele procurará ver que forma pode escolher e a manter para garantir a compreensão durante a narrativa.

A pergunta que surge, então, é: como podemos classificar uma representação mental como sendo de baixa ou alta acessibilidade? Uma possível fonte de determinação do grau de acessibilidade é o contexto físico da situação de fala. Outra fonte é o conhecimento de mundo, em que os tópicos discursivos e outras entidades mencionadas ditas relevantes para o discurso estão à disposição e podem ser tidos como de alto ou baixo graus de acessibilidade de acordo com o seu papel discursivo.

Há uma reflexão de Costa (2007, p. 119) que nos orienta mais detalhadamente sobre a escolha das expressões e a não exclusividade delas nas situações em que são escolhidas para uso:

De acordo com a perspectiva do discurso, a indicialidade não é uma característica exclusiva de determinado tipo de vocábulo. Conforme essa visão, as palavras, de um modo geral, funcionam como índices, não como portadoras de sentido. Para autores como Salomão (1999), elas serviriam de guias para a construção do sentido.

Podemos dizer que, de certa forma, Ariel admite essa tese, na medida em que considera que todos os tipos de expressões referenciais podem desempenhar as mesmas funções, dependendo do uso no discurso.

Assim, podemos dizer que, ao escolher determinada expressão para acessar cognitivamente um referente, essa seleção não será feita em função de uma posição numa dada escala, mas sim, em função de sua adequação ao retomar uma informação e permitir construção de sentidos. Desse modo, afirmamos que os referentes “Bezerra jovem”, “Bezerra velho” ou “Bezerra espírito” serão usados nas várias situações da narrativa não porque ocupam uma posição de mais acessível ou não numa dada escala, mas porque, contextualmente, serão ou não mais acessíveis ao público almejado pela construção textual; neste caso, os DVs.

Considerações finais

Após a análise que apresentamos aqui e por obra das leituras que fizemos, entendemos que trabalhar com a construção de roteiros de audiodescrição requer uma consciência do uso da linguagem escrita e falada não só para si, mas também para o próximo. Assim como requer que saibamos nos colocar nesse lugar do outro, isto é, daquele que não detém das mesmas condições de vida, porque não viu o mundo da mesma forma que nós e, por isso, não construiu suas memórias da mesma maneira.

Falar sobre flores com quem conhece do assunto por ter visto, lido e sentido seu cheiro é diferente de falar do mesmo assunto com quem sabe sobre ele, apenas pelo toque e pelo cheiro. As imagens que construímos são resultado dessa nossa relação com o mundo e, a partir do que estudamos aqui, cremos que o roteirista de AD não pode prescindir desta informação, mesmo que ela pareça óbvia.

Movidos por essa lógica e pelas teorias, nos orientamos para sugerir o que pôde ser lido nas análises. Por esta razão, levando em consideração a presença concomitante de mais de uma fase de vida da mesma personagem, defendemos a adoção de uma forma referencial que pudesse ser mantida ao longo do roteiro como forma de garantir que o deficiente visual saberá exatamente se o audiodescritor, em dado momento da narrativa, refere-se ao Bezerra quando jovem, velho ou na condição de espírito e, por consequência, evitar incompreensão por parte do DV.

A Teoria da Acessibilidade se mostrou, neste caso, uma ferramenta importante na explicação e na defesa do que propomos. Costa (2007, p. 64) afirma que “apesar das muitas lacunas que apresenta [...], a teoria da acessibilidade parece constituir um passo importante na busca por mecanismos capazes de contribuir para a compreensão do funcionamento da linguagem”. Acreditamos que essa teoria pode ser bastante proveitosa no caso da elaboração do roteiro de audiodescrição, uma vez que poderia ser feito o uso da teoria da acessibilidade no sentido de auxiliar a melhor refletir sobre como nomear, referir, designar e retomar os objetos de discurso num roteiro fílmico.

No filme analisado, temos a história de Bezerra de Menezes contada por seu espírito, através de *flashbacks*. Para isso, temos três atores diferentes em cena. O roteiro de audiodescrição deveria tentar passar para os DVs essas diferenças de faixa etária, bem como diferenciar Bezerra espírito do Bezerra homem. Porém, julgamos, com base na teoria trabalhada, que por “algumas falhas na construção dos objetos de discurso”, o deficiente visual poderia ter dificuldade para reconhecer essa personagem em suas diversas fases, por não ser possível para ele conhecer detalhes como: vestimenta, traços físicos, ambientes sem o auxílio da descrição.

Referências

- ARAÚJO, I. L. **Do signo ao discurso**: introdução à filosofia da linguagem. São Paulo: Parábola, 2004.
- ARIEL, M. Accessibility theory: an overview. In: SANDERS T; SCHILPEROORD, J.e SPOOREN, W. **Text representation**: linguistics and psycholinguistics aspects. Amsterdam/Philladelphia:Benjamins, 2001, p. 29-89
- ARROJO, R. A que são fieis tradutores e críticos de tradução? Paulo Vizioli e Nelson Ascher discutem John Donne. **Tradução, Desconstrução e Psicanálise**. São Paulo: Imago, 1993.
- BLIKSTEIN, I. **Kaspar Hauser ou a Fabricação da realidade**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.
- CARDOSO, S. H. B. **A questão da referência**: das teorias clássicas à dispersão de discursos. Campinas-SP: Autores associados, 2003. (Coleção linguagens e sociedade).
- COSTA, M. H. A. **Acessibilidade de referentes**: um convite à reflexão. 214p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1995.

KOCH, I.V & CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. Vol. 3, 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

MARCUSCHI, L. A. **Cognição, linguagem e práticas discursivas**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

OLIVEIRA, F.P.L de. **Da construção à co-construção de referentes: um olhar sobre os mecanismos cognitivo-discursivos subjacentes à produção e à compreensão de peças de divulgação elaboradas por designers**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. 28 ed.- Petrópolis, Vozes, 2013.

SALES, W.B. **A construção do referente Bezerra de Menezes na audiodescrição do filme 'Bezerra de Menezes: o diário de um espírito'**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.

Recebido em 09 de abril de 2017
Aprovado em 27 de setembro de 2017